



NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

10

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

MAR 2015

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Março de 2015**

Volume: **10**

Capa: Falange decorada proveniente do Sepulcro 2 dos Perdigões

(Foto: António Valera)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.



ÍNDICE

EDITORIAL	05
-----------------	----

António Carlos Valera "ÍDOLOS" FALANGE, CERVÍDEOS E EQUÍDEOS. DADOS E PROBLEMAS A PARTIR DOS PERDIGÕES	07
--	----

Beatriz Bastos POTENTIAL OF LIPID ANALYSIS ON PREHISTORIC PORTUGUESE POTTERY	21
--	----

António Carlos Valera, Rui Ramos e Patrícia Castanheira OS RECINTOS DE FOSSOS DE COELHEIRA 2 (SANTA VITÓRIA, BEJA)	33
--	----

António Carlos Valera CIEMPOZUELOS BEAKER GEOMETRIC PATTERNS: A GLIMPSE INTO THEIR MEANING	47
--	----

Patrícia Castanheira MISERICÓRDIA II (BERINGEL, BEJA): ALGUMAS NOTAS PARA O ESTUDO DO BRONZE FINAL NAS TERRAS DE BARROS	53
--	----

José Carlos Quaresma, Alexandre Sarrazola, Inês M. da Silva PRODUÇÃO DE VIDROS E IMPORTAÇÃO DE <i>TERRA</i> <i>SIGILLATA</i> EM FINAIS DO SÉCULO V / PRIMEIRA METADE DO SÉCULO VI: O CASO DA MARINHA BAIXA, AVEIRO	63
---	----

Alexandre Sarrazola, Mónica Ponce, Teresa Freitas, Marta Macedo A RAMPA DOS ESCALERES À REAL CORDOARIA, BELÉM / JUNQUEIRA (SÉCULO XVIII)	77
---	----

Ana Olaio, Pedro Angeja, Álvaro Pereira, Gonçalo Sá-Nogueira, André Texugo ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO EM SANTARÉM	83
--	----



EDITORIAL

Chegamos, com a presente edição, ao número dez dos volumes publicados da *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Dez números em oito anos, com algum abrandamento e irregularidade nos últimos tempos relativamente aos primeiros. Nestes dez volumes publicaram-se 94 artigos, nos quais foram autores 80 colaboradores, que em vários casos aqui realizaram as suas primeiras publicações.

O projecto inicial, conforme se declarava no editorial do número um da revista, visava a “publicação de pequenos textos informativos ou problematizantes cuja divulgação por outros meios não se justifica por si só ou poderá ser demorada.” Pretendia-se “contribuir para a rápida difusão, referenciável e citável, de informações, ideias, pequenos estudos ou análises, cuja disponibilização mais imediata seja importante para o desenrolar da investigação e da actividade arqueológica colectiva”, respondendo desta forma às crescentes dificuldades financeiras que se colocavam às edições em papel e à proliferação da actividade arqueológica no âmbito da Arqueologia de Salvamento.

A intenção inicial, porém, viria a ser progressivamente alterada pela realidade. A tradicional tendência para publicar pouco, que sempre caracterizou a Arqueologia portuguesa nos seus mais variados âmbitos, tem mais a ver com uma postura que com qualquer ausência de meios.

Como resultado, a revista acabou por enveredar pela publicação de alguns textos de maior fôlego (que fogem a um *Apontamento*) a par de outros que melhor respondiam às intenções originais e o seu ritmo de publicação adaptou-se à produtividade daqueles que se disponibilizaram a colaborar.

O resultado, contudo, tem sido positivo, e a julgar pelas citações que, no país e no estrangeiro, os textos da *Apontamentos* têm merecido, a iniciativa ganhou já o seu espaço no panorama editorial da Arqueologia portuguesa.

Justifica-se, pois, o esforço e, como desde o início, a revista continuará aberta a todos os que com ela queiram colaborar

António Carlos Valera

“ÍDOLOS” FALANGE, CERVÍDEOS E EQUÍDEOS. DADOS E PROBLEMAS A PARTIR DOS PERDIGÕES.

António Carlos Valera¹

Resumo:

Apresenta-se o conjunto de “ídolos” realizados sobre falange de animal (predominantemente de cervídeo e equídeo) proveniente de contextos Calcolíticos do recinto dos Perdigões. Quase que exclusivamente recolhido em contextos funerários, este conjunto é um dos mais numerosos da Península Ibérica e revela um interessante comportamento cronológico, com as falanges de cervídeo a dominarem numa primeira fase e as de equídeo numa segunda. Este comportamento é discutido no contexto das relações homem-animal e do processo de domesticação do cavalo.

Abstract:

Phalange “idols”, cervids and equines. Data and problems from Perdigões.

An assemblage of “idols” made from animal phalanges (mainly from cervids and equines) from Perdigões enclosure's Chalcolithic contexts is presented. Almost exclusively from funerary contexts, this assemblage is one of the most numerous of Iberia and shows an interesting chronological behaviour, with cervid phalanges being predominant in a first phase and equine phalanges in a second phase. This behaviour is discussed in the context of the human-animal relation and of the process of horse domestication.

1. Introdução.

Comum a todos os grandes sítios de fossos do sul da Península Ibérica durante o 3º milénio a.n.e. é a presença de numerosos e diversificados conjuntos de objectos tradicionalmente designados por “ídolos”, os quais podem ocorrer em contextos variados, mas com particular predominância nos contextos funerários que se registam tanto no interior como na periferia dos recintos. É assim em La Pijotilla, Valencina de la Concepción, San Blás, Porto Torrão ou Los Marroquies Bajos.

O recinto dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora), não foge à regra, apresentando um já vasto e variado conjunto de artefactos que podem ser enquadrados dentro da categoria dos objectos ideotécnicos: figuras antropomórficas, ídolos betilo (lisos e decorados), ídolos tolva, ídolos placa oculados, ídolos almerienses (ou cruciformes), placas de xisto decoradas, ídolos “de cornos”, lúnulas, zoomorfos, ídolos “almofada” e os ídolos falange. As matérias-primas utilizadas são igualmente variadas, sendo algumas de origem local e outras exógenas: argila, osso, marfim, calcário, mármore, xisto.

A grande maioria é proveniente dos contextos funerários Calcolíticos: Sepulcros 1, 2 e 3, fossas 16 e 40 e Ambiente 1 (Valera, Silva *et al.* 2014b). São excepção os ídolos almerienses, datados do Neolítico Final, recolhidos na base do Fosso 12 e num hipogeu não funerário, um ídolo placa na base do Fosso 1 e alguns objectos procedentes de fossas calcolíticas ou recolhidos à superfície.

Desta categoria de peças, foram já objecto de publicação específica as lúnulas (Valera, 2010), os ídolos almerienses (Valera, 2012), as figuras zoomórficas (Valera, Evangelista *et al.*, 2014), as figuras antropomórficas (Valera e Evangelista, 2014), as peças da zona da porta NE (Milesi *et al.* 2013) e os materiais em marfim (Valera *et al.*, *no prelo*). No presente texto abordam-se os designados “ídolos falange”.

2. A amostra e os contextos de proveniência

O conjunto é constituído por 72 exemplares provenientes de contextos funerários, com excepção de uma peça recolhida na fossa 9 no Sector I e outra à superfície. Das restantes, 25 foram registadas no Sepulcro 1, 39 no Sepulcro 2, 1 no Sepulcro 3, tendo 4 sido recolhidas na Fossa 40 e 1 na Fossa 16 (Sector Q). A peça de superfície foi recuperada entre as terras revolvidas da zona da Fossa 40 e Ambiente 1, podendo um destes ser o seu contexto de origem.

¹ Coordenador do Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA), antoniovalera@era-arqueologia.pt.
Centro ICArEHB.

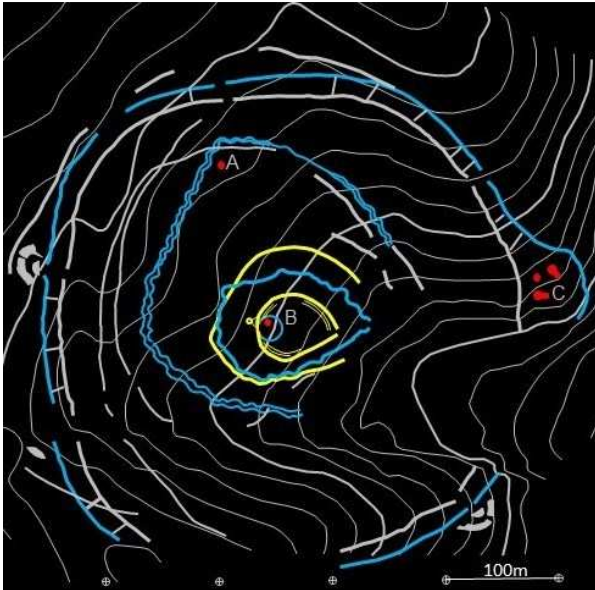


Figura 1 – Localização dos contextos de proveniência dos ídolos falange nos Perdigões. A – Fossa 9; B - Fossa 40 e Fossa 16; C – Sepulcros 1, 2 e 3.

■ Contextos de proveniência. ■ Estruturas neolíticas.
■ Estruturas calcolíticas. ■ Estruturas ainda sem datação.

Os sepulcros 1 e 2 correspondem a estruturas funerárias consideradas pseudo *tholos* (cobertura não seria em falsa cúpula), providas de câmara circular, curto e baixo corredor e átrio (circular ou ovalado). As câmaras e os átrios, parcialmente escavadas na rocha de base, eram revestidas por lajes de xisto e o corredor do Sepulcro 2 era edificado com pequenos monólitos de diorito, estando o do Sepulcro 1 destruído (Valera, *et al.* 2007; Valera, Silva *et al.* 2014).

Trata-se de sepulcros colectivos onde se registam deposições secundárias, sem evidências de deposições primárias. Neles os “ídolos” falange surgem associados a recipientes cerâmicos, grandes lâminas, pontas de seta, grande variedade de contas de colar, inúmeros objectos em marfim, betilos e vasos de calcário.

O Sepulcro 3 apenas foi definido ao nível do seu topo, não ficando totalmente claro se se trata de um fossa ou da câmara de um monumento mais complexo. A esse nível foram registados recipientes cerâmicos, contas de colar, um conjunto agrupado de mais de uma dezena de grandes lâminas e um “ídolo” falange.

Estes contextos localizam-se na extremidade Este dos recintos, tendo sido envolvidos a partir de meados do 3º milénio a.n.e. pelo Fosso 1 (Valera, Silva e Márquez, 2014), que no local forma um semi círculo (Figura 1: C).

A Fossa 40, de planta circular com 2,6m de largura e 0,75m de profundidade, localiza-se na zona central dos recintos, integrada num conjunto de estruturas negativas calcolíticas que cortam estruturas do Neolítico Final (Figura 1: B). A presença de dois burados de poste na sua área central indica que teria tido uma cobertura. No seu interior foram feitas intensas deposições de restos humanos cremados, assim como de alguns ossos soltos e partes de corpos humanos em conexão anatómica não queimados.

Os “ídolos” falange surgem associados a inúmeros objectos em marfim, entre os quais se destacam figuras antropomórficas (Valera e Evangelista, 2014), betilos lisos e decorados, um vaso de pedra, pontas de seta, contas de colar, punções metálicos e fragmentos cerâmicos, materiais que apresentavam intensos sinais de exposição ao fogo.

Contextos	Cervus sp.		Equus sp.		Sus sp.		Ovis Capra		Bos sp.		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sepulcro 1	16	64	6	24	1	4,0	2	8,0	0	0	25
Sepulcro 2	18	46,2	20	51,3	0	0,0	0	0,0	1	2,56	39
Sepulcro 3	0	0	1	100	0	0,0	0	0,0	0	0	1
Fossa 40/A1	0	0	5	100	0	0,0	0	0,0	0	0	5
Fossa 9	0	0	1	100	0	0,0	0	0,0	0	0	1
Fossa 16	0	0	1	100	0	0,0	0	0,0	0	0	1
Total	34	47,2	34	47,2	1	1,4	2	2,8	1	1,39	72

Tabela 1 – Número de ídolos falange e espécies por contexto de proveniência.

Espécie	Afeiçoada		Afeiç. + Dec.		Simples		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Cervus sp.	30	88,2	3	8,8	1	2,9	34
Equus sp.	21	61,8	9	26,5	4	11,8	34
Sus sp.	0	0	0	0,0	1	100,0	1
Ovis Capra	0	0	0	0,0	2	100,0	2
Bos sp.	1	100	0	0,0	0	0,0	1
Total	52	72,2	12	16,7	8	11,1	72

Tabela 2 – Tratamento das falanges por espécie.

A Fossa 16 localiza-se a cerca de 5 metros a Sudoeste da Fossa 40. Apresenta um diâmetro máximo de 1,20m e uma profundidade de 0,90m. No seu interior formou-se um depósito cónico através do despejo de restos de cremações (ossos humanos, fauna e materiais intensamente submetidos ao fogo e associados a grandes fragmentos de carvão e cinzas). Entre os materiais contam-se alguns “ídolos” oculados (placas finas) em osso e marfim, pontas de seta, alguns fragmentos cerâmicos, um punção metálico e um fragmento distal de falange de cavalo afeiçãoada.

Finalmente, a Fossa 9 situa-se no Sector I (Figura 1: A) junto aos fossos 3 e 4. Apresenta uma planta subcircular com alguma irregularidade, com cerca de 2,3m de largura e 0,36m de profundidade, estando preenchida por três depósitos. No primeiro depósito apresentava uma grande concentração de fragmentos cerâmicos, restos faunísticos, elementos de tear, uma ponta de seta e um “ídolo” falange (Valera, 2008).

Os suportes seleccionados são sempre primeiras falanges, com clara preferência pelas espécies *Cervus Sp.* e *Equus Sp.*, ambas com 34 exemplares que na globalidade correspondem a 94,5% do conjunto estudado. Com uma representatividade mínima temos 2 falanges de *Ovis/Capra*, 1 exemplar de *Sus Sp.* e 1 de *Bos Sp.* (Tabela 1). As falanges destas últimas espécies (com excepção da de *Bos Sp.*) não se apresentam afeiçãoadas ou decoradas (Tabela 2), podendo mesmo questionar-se se terão assumido a dimensão simbólica das restantes, uma vez que existem alguns outros ossos destas espécies nos respectivos contextos sepulcrais. Já as falanges de cervídeos e de equídeos apresentam quase sempre alteração por ligeiro polimento, intenso afeiçãoamento ou através de afeiçãoamento e decoração, revelando no conjunto uma percentagem em torno dos 90% (Figura 2).

É interessante ainda notar, no que respeita à distribuição dos dois grandes tipos de falanges utilizados, que nas fossas 9, 16, 40 e Sepulcro 3 apenas estão presentes falanges de equídeos, enquanto nos sepulcros 1 e 2 estão ambos bem representados, mas registando uma clara inversão: no Sepulcro 1 predominam as falanges de cervídeo e no Sepulcro 2 as de equídeo. Esta circunstância poderá ter implicações cronológicas e culturais, abordadas adiante.

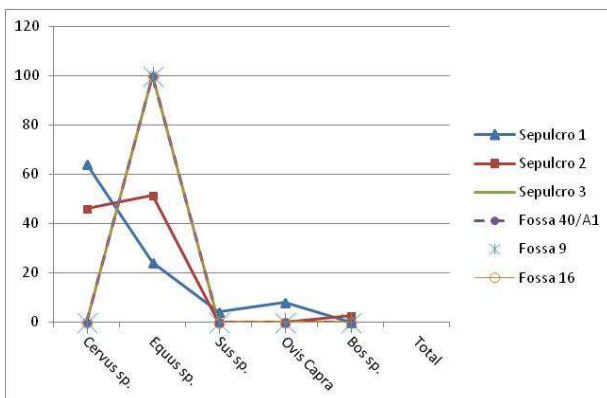


Figura 2 – Percentagem de falanges/espécie por contexto.

Relativamente à alteração exercida sobre as falanges, o afeiçãoamento mais ou menos intenso sem decoração é o mais frequente, com 30 casos em falanges de cervídeo, 21 de equídeo e 1 de *Bos* ou seja, mais de 2/3 das peças do conjunto (72%). É resultado de uma redução da espessura das diáfises através de polimento (por vezes intenso) exercido sobretudo nas partes laterais, mas também nas faces anterior e posterior. A extremidade articular distal é também afeiçãoada, produzindo-se na globalidade da falange um adelgaçamento que lhe confere uma morfologia mais sugestiva e mais próxima do antropomorfismo (Figura 3). Por vezes o adelgaçamento é tal que a matriz esponjosa do interior do osso aflora pontualmente à superfície do mesmo.

A decoração, sempre em relevo e obtida por incisão e polimento, é mais rara e ocorre apenas em 12 exemplares (16,7%), sendo 9 casos sobre falanges de equídeo e 3 sobre falanges de cervídeo. Num caso em que a decoração se apresenta mais elaborada (Figura 9), são ainda visíveis vestígios de pintura com pigmentos vermelhos. Com excepção da peça da Fossa 9, todas as decoradas são provenientes dos sepulcros da área C.

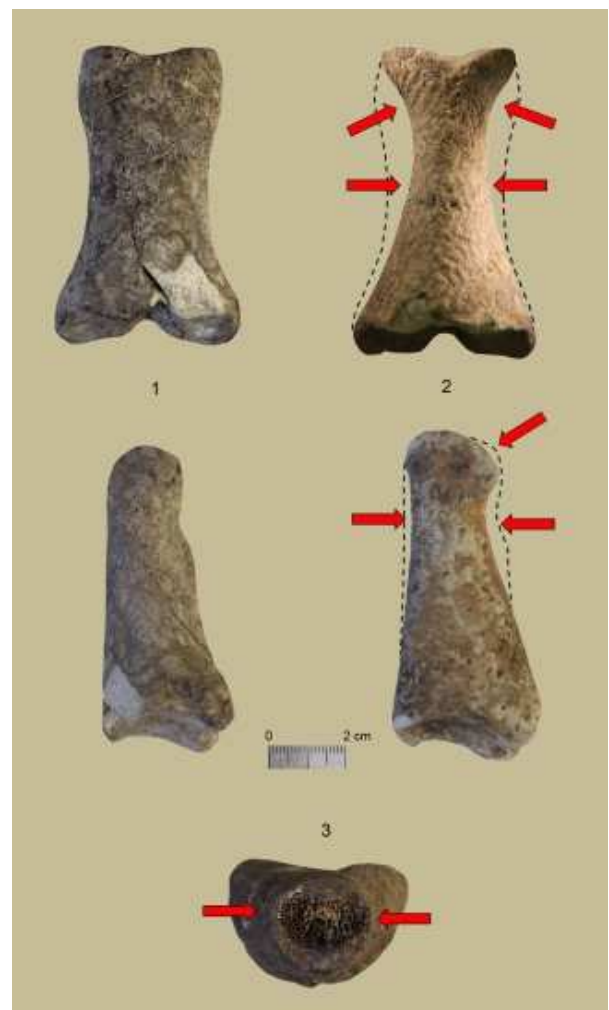


Figura 3 – Exemplificação da intensidade e locais de afeiçãoamento em falanges de equídeo. 1. Falange pouco ou nada afeiçãoada; 2. Falange intensamente afeiçãoada com indicações das áreas de redução; 3. Vista em fractura da redução da espessura do osso.



Figura 4 – Falanges de equídeo afeiçãoadas. 1 – Sepulcro 1; 2 – Sepulcro 2.



Figura 5 – Falanges de cervídeo. 1 – Apenas ligeiramente polida; 2 – Afeiçãoadas do Sepulcro 1; 3 – Afeiçãoadas do Sepulcro 2.

O motivo dominante é o zigue-zague horizontal, que abrange a face anterior e as laterais da diáfise, sendo abrangente da quase totalidade da falange (Figura 7: 2 e 5) ou restrita à sua metade distal (Figura 7: 4 e 6). Duas das falanges de cervídeo decoradas enquadram-se nesta última situação (Figura 6), estando a terceira muito fragmentada. Trata-se de um motivo associado normalmente às “tatuagens”.

Uma das falanges de equídeo com zigue-zague abrangente apresenta na extremidade proximal uma faixa horizontal elaborada através incisões formando um motivo espinhado (Figura 7: 1).

Apenas duas falanges de equídeo fogem a este padrão dominante. Uma, proveniente do Sepulcro 1, apresenta na face anterior uma decoração à base de círculos concêntricos e na face posterior motivos espinhados ou ziguezagueantes (Figura 7: 3). Os círculos, concêntricos ou simples, são pouco comuns na decoração das falanges. Na região, ocorrem por vezes na decoração de pequenos recipientes cerâmicos, como acontece com um exemplar proveniente da Anta Grande da Comenda da Igreja ou num outro proveniente do próprio Sepulcro 1 dos Perdigões (Figura 8).

A outra, proveniente do Sepulcro 2, apresenta uma decoração mais complexa (Figura 9). A face anterior da falange é decorada com as linhas ziguezagueantes, mas, ao contrário do que é mais frequente, estas apresentam-se na vertical, numa situação em tudo idêntica à representação dos cabelos das figurinhas antropomórficas e de muitos dos designados ídolos oculados do sul Peninsular. A face posterior apresenta a representação dos olhos raiados, sob os quais três traços marcam as “tatuagens faciais”. Mais abaixo surge uma faixa horizontal composta por um espinhado delimitado por duas caneluras. Restos de pintura a vermelho estão presentes em ambas as faces.

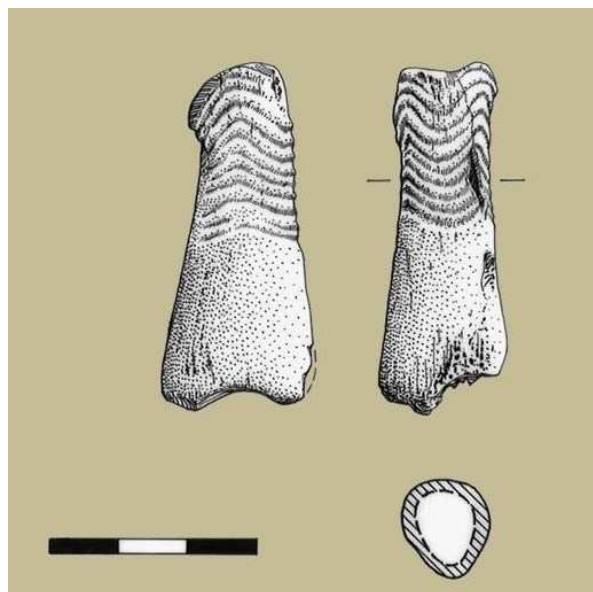


Figura 6 – Falange de cervídeo ligeiramente afeiçãoada e decorada proveniente do Sepulcro 1.

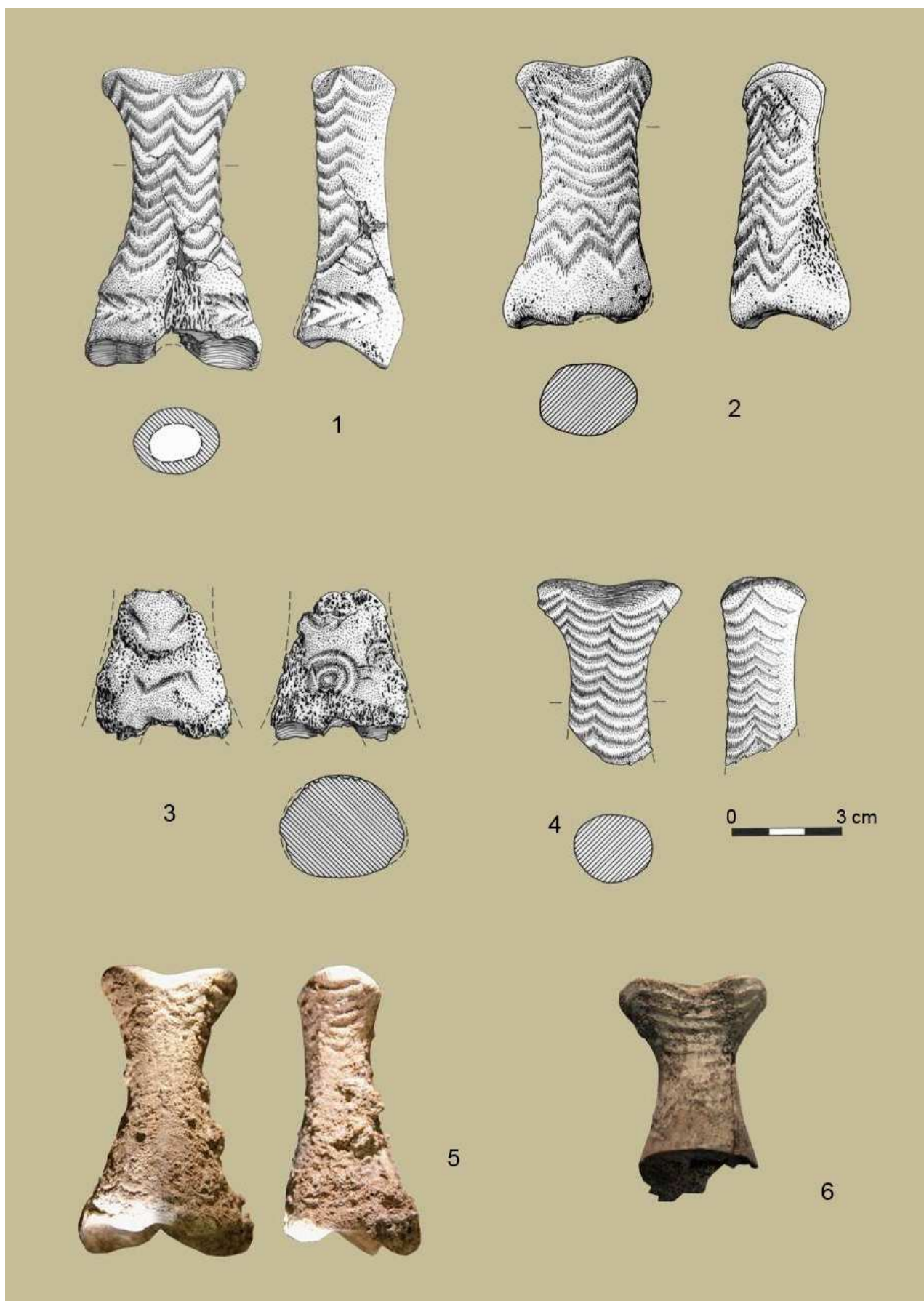


Figura 7 – Falanges de equídeo decoradas. 1 e 5: Sepulcro 2; 2 e 3: Sepulcro 1; 4: Sepulcro 3; 6: Fossa 9. A 6 apresenta-se serrada na sua extremidade proximal.

3. As falanges dos Perdigões e o seu contexto peninsular

Os designados “ídolos” falange ocorrem durante o calcolítico em quase toda a metade sul da Península Ibérica, abrangendo a Andaluzia, a Extremadura espanhola, o sul de Portugal e a Extremadura portuguesa.

No sentido de avaliar comparativamente a colecção já existente para os Perdigões (que, tendo em conta a natureza e tamanho deste complexo arqueológico, será apenas uma amostra do real universo destes materiais que este sítio reunirá) procedeu-se a uma inventariação dos contextos que forneceram “ídolos” falange, a qual, sem a pretensão de ser absolutamente exaustiva, permite ainda assim construir um quadro geral que podemos confrontar com o conjunto dos Perdigões.

No centro e sul de Portugal foram inventariados 23 sítios (incluindo os Perdigões e uma colecção sem proveniência), dos quais 15 correspondem a contextos funerários (Tabela 3). Neste conjunto de sítios foi possível contabilizar um total de 126 “ídolos” falange, os quais são maioritariamente sobre primeiras falanges de equídeo (71 casos – 56,3%), seguindo-se as primeiras falanges de cervídeo (39 casos – 31%) e com uma expressão residual as primeiras falanges de bovídeo, suídeo e de ovino/caprino (com 4 – 3,2% - cada). Para quatro falanges (3 do tholos 2b da anta 2 do Olival da Pega e 1 de Santa Justa) não temos informação sobre a espécie.

Um primeiro dado que resulta deste quadro geral para o centro e sul de Portugal é que os Perdigões apresentam a maior concentração deste tipo de artefacto, correspondendo a mais de metade do total inventariado (72 exemplares – 57%). Santa Justa e Lapa da Bugalheira surgem com 9 e 8 exemplares respectivamente, Porto Torrão com 5 e os restantes com ocorrências entre 1 e 3. Por outras palavras, ainda que presentes em bastantes contextos, em termos gerais os “ídolos” falange nunca são muito numerosos, situação com a qual os Perdigões contrastam significativamente.

Outro contraste significativo tem a ver com as espécies de animais. Se o número elevado de primeiras falanges de equídeo nos Perdigões segue o padrão de predominância global (Tabela 3), já a presença de um número idêntico de primeiras falanges de cervídeo é outra originalidade. Dos 39 “ídolos” sobre falange de cervídeo referenciados em Portugal, 34 (87%) estão nos Perdigões, mais concretamente nos Sepulcros 1 e 2.

Já no que respeita ao tratamento exercido sobre as falanges, o que se observa nos Perdigões é próximo do quadro geral (Tabela 3). A percentagem de peças não alteradas é reduzida e com valores em torno aos 11%. Também em concordância está a predominância de falanges simplesmente afeiçãoadas, embora com uma percentagem ligeiramente superior nos Perdigões (72% contra 67%), enquanto as falanges decoradas correspondem a 15% (contra 21% no quadro global).

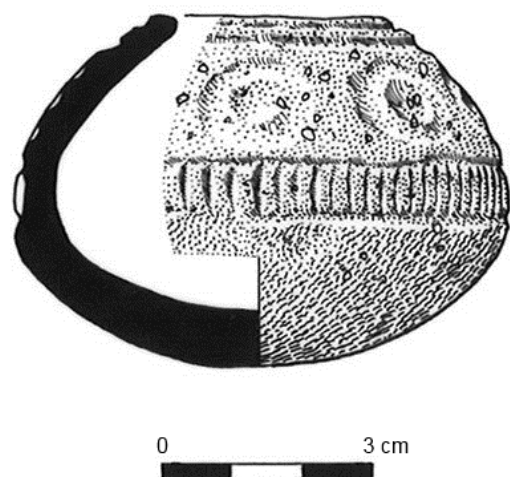


Figura 8 – Recipiente decorado com canelura junto ao bordo, círculos e uma faixa de traços verticais delimitados por duas linhas, proveniente do Sepulcro 1 dos Perdigões.



Figura 9 – Falange de equídeo decorada. Face posterior: olhos raiados, “tatuagens faciais”, faixa horizontal com espinhado entre caneluras. Face anterior: cabelos ziguezagueantes. Ambas as faces apresentam vestígios de pintura com pigmentos vermelhos.

Nº	Sítio	Cervus Sp.	Equus Sp.	Sus Sp.	Bos Sp.	Ovis/Capra	Total	Simples	Afeiçoadas	Decoradas
1	Perdigões	34	34	1	1	2	72	8	52	11
2	Mercador	–	3	–	–	–	3	–	3	–
3	M.N. Albardeiros	–	1	–	–	–	1	–	1	–
4	Anta Grande Olival da Pega	–	1	–	–	–	1	–	1	–
5	Olival d Pega 2b	?	?	?	?	?	3	?	?	?
6	Gruta d Escoural	–	1	–	–	–	1	–	1	–
7	Porto Torrão	–	5	–	–	–	5	–	5	–
8	S. Pedro	1	1	1	–	–	3	–	3	–
9	Tholos Centirã	–	1	–	–	–	1	–	1	–
10	Anta da Pedra Branca	–	1	–	–	–	1	–	1	–
11	Tholos 8 de Alcalar	–	2	–	–	–	2	–	1	1
12	Santa Justa	4	1	2	–	1	9	–	6	3
13	Tholos da Serra da Vila	–	1	–	–	–	1	–	1	–
14	Lapa da Bugalheira	–	8	–	1	–	9	5	2	2
15	Conchadas	–	1	–	–	–	1	–	1	–
16	Tholos 4 de Trigache	–	1	–	–	–	1	–	1	–
17	Penha Verde	–	1	–	–	–	2	–	1	–
18	Tholos de S. Martinho	–	1	–	–	–	1	–	–	1
19	Carenque	–	1	–	–	–	1	–	–	1
20	V.N.S.P.	–	1	–	–	–	1	–	–	1
21	Olelas	–	1	–	–	–	1	–	–	1
22	Leceia	–	3	–	–	–	3	–	2	1
23	Lapa do Fumo	–	1	–	–	1	1	–	1	2
24	Colecção M. Vaultier	–	–	–	2	–	2	–	–	2
Totais		39	71	4	4	4	126	13	84	26

Tabela 3 – Contextos com “ídeos” falange em Portugal.

Esta situação é semelhante à que se pode observar no sul de Espanha (Tabela 4). Embora a inventariação para esta região tenha sofrido de dificuldades de acesso a bibliografia e de uma ausência de informação detalhada sobre muitas das peças referenciadas (daí que os números da Tabela 4 apresentem por vezes discrepâncias entre os totais e as parcelas), o quadro global conseguido revela significativos paralelismos com a situação observada para o centro e sul de Portugal: predominância do uso das primeiras falanges de equídeo, seguidas pelas de cervídeo e as restantes com valores residuais; predominância das simplesmente afeiçoadas, seguidas pelas decoradas, sendo as simples raras; predominância de contextos funerários; peças pouco numerosas por contexto. No que se refere a este último aspecto, deve sublinhar-se que os sítios que apresentam números mais elevados correspondem a peças que provêm de vários contextos sepulcrais, sendo o seu número relativamente reduzido em cada um deles: 15 sepulcros em Los Millares, 8 em Los Castellones, 7 em La Gabiarra, 4 em Los Llanillos ou em La Sabina. Neste sentido, os Sepulcros 1 e 2 dos Perdigões continuam, agora a nível peninsular, a apresentar uma concentração inusitada de “ídeos” falange, continuando o sítio a proporcionar a colecção mais numerosa.

Relativamente às peças decoradas, os motivos presentes nos Perdigões enquandram-se, na sua quase totalidade, no que é conhecido para a decoração dos “ídeos” falange na Península Ibérica.

Nº	Sítio	Cervus Sp.	Equus Sp.	Sus Sp.	Bos Sp.	Ovis/Capra	Total	Simples	Afeiçoadas	Decoradas
1	Almizaraque	–	1	–	–	–	1	–	–	1
2	Blanquizaes de Lebor	–	–	–	–	–	2	–	1	1
3	Terrera Ventura	3	1	–	–	–	50	–	–	4
4	Los Millares	19	11	–	–	1	33	5	23	5
5	El Jautón	–	1	–	–	–	1	–	1	–
6	Rambla de Huéchar	–	–	–	–	–	3	–	–	–
7	Loma de la Atalay a	–	1	–	–	–	1	–	1	–
8	Loma de las Eras	–	1	–	–	–	1	–	1	–
9	Loma de la Torre	–	1	–	–	–	9	–	–	–
10	Cabecito de Aguilar	–	1	–	–	–	1	–	–	1
11	Buena Arena	–	1	–	–	–	1	–	1	–
12	La Sabina	–	4	–	–	–	10	–	4	–
13	Los Castellones	2	7	–	–	–	61	–	8	1
14	La Gabiarra	–	6	–	–	1	41	1	6	–
15	La Cruz del Tio Cogollero	1	–	–	–	–	1	–	1	–
16	Llano de la Teja	–	1	–	–	–	2	–	–	1
17	Loma de la Manga	–	1	–	–	–	1	–	–	–
18	Los Llanillos	1	3	–	–	–	17	–	4	–
19	Las Peñicas 3	–	1	–	–	–	1	–	1	–
20	Las Peñicas 4	–	–	–	–	–	3	–	–	–
21	La Mesa del Mudo	–	1	–	–	–	4	–	1	–
22	Cueva del Agua	–	–	–	–	–	1	–	–	–
23	Orce	–	–	–	–	–	1	–	1	–
24	Loma de la Rambla	–	1	–	–	–	1	–	1	–
25	Loma del Aspador	–	1	–	–	–	1	–	1	–
26	El Atalayon	–	–	2	–	1	3	–	–	3
27	Cueva de Belda	–	1	–	–	–	1	–	–	1
28	Los Royos	–	1	–	–	–	1	–	–	1
29	Totana	–	4	–	–	–	4	–	1	3
30	El Capitán	–	1	–	–	–	1	–	–	1
31	Torrequemada	1	1	–	–	–	2	–	1	1
32	La Pijotilla	–	2	–	–	–	2	–	–	2
33	Valencina de la Concepción	1	2	1	1	–	5	–	4	1
Totais		28	57	3	1	3	267	6	62	27

Tabela 4 – Contextos com “ídeos” falange no sul de Espanha.

O preenchimento abrangente ou simplesmente da metade distal das falanges com as linhas ziguezaguantes é comum e encontra paralelos em Carenque e Lapa da Bugalheira (Cardoso, 1995). Ao ziguezague pode estar adicionada, na extremidade proximal, uma banda, que pode ser de espinhado (como nos Perdigões – Figura 7: 1) ou de um ziguezague horizontal mais apertado e com canelura (caso da peça do tholos de S. Martinho - Leisner, 1965) ou de ziguezagues verticais sob canelura (como na peça de Olelas – Cardoso, 1995).

A peça com a representação dos olhos raiados e tatuagens na face posterior da falange e ziguezagues na face anterior encontra paralelos na Pijotilla (Hurtado, 1986), onde estão também representados dois braços e mãos, na Lapa da Bugalheira (Cardoso, 1995), em Santa Justa (Gonçalves, 1989), Alcalar (Almagro Gorbea, 1973), Cueva de Belda (Ruiz Gonzalez, Leiva Rojano, 1980-81), Los Millares (Leisner e Leisner, 1943), Almizaraque (Almagro Gorbea, 1973), Los Castellones (Leisner e Leisner, 1943) ou Valencina de la Concepción (Hurtado, 2013). Relativamente

a estes, o ídolo dos Perdígões apresenta a particularidade de uma faixa abaixo das tatuagens e a verticalidade do zigzague na face anterior.

Caso aparentemente único será a decoração em círculos concêntricos presente numa das peças dos Perdígões (Figura 7: 3).

Genericamente, estes motivos decorativos, feitos por incisão ou pintados, remetem para uma temática abrangente, de natureza ideológica, cuja iconografia, no todo ou em parte dos seus motivos, ocorre em diferentes tipos de peças. Está presente em recipientes cerâmicos (de que é exemplo clássico o vaso do Tholos do Monte do Outeiro – Leisner, 1965), em betilos, variados “ídolos” placa e figurinhas antropomórficas.

Sobre o sentido da temática subjacente a esta iconografia, as teses tradicionais vêem nela a representação da “Deusa Mãe” (Cardoso, 1995; Gonçalves, 2005), sublinhando o carácter feminino que algumas destas peças apresentam, nomeadamente a identificação ou sugestão do triângulo púbico ou dos lábios vaginais, situações que também ocorrem em algumas falanges: caso dos triângulos presentes numa peça de Cabecito de Águilar (Leisner e Leisner, 1943) e noutra de El Atalayan (Murillo Redondo, 1988) ou do afeiçoamento aprofundado e demarcado da depressão central da parte proximal da falange, como acontece na peça de Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 2005).

Nos últimos anos, porém, tem-se assistido a uma crítica não só do essencialismo que se encontra subjacente à associação de uma multiplicidade de objectos e representações à figura divina da “Deusa” (Bailey, 1994; 1996; Ucko, 1996; Robb, 2009; Valera e Evangelista, 2014), mas também à classificação de uma grande variedade de peças como “ídolos”, no sentido de imagens divinas objecto de culto (Robb, 2009; Hurtado; 2010). Tem-se sublinhado a diversidade estilística e o potencial diferenciador que essa diversidade apresenta ao serviço das estratégias de identificação, assim como a sua associação a desempenhos mais tangíveis e concretos no âmbito das relações sociais. A grande abrangência geográfica de uma iconografia bem padronizada revela a existência de um fundo ideológico e simbólico partilhado, mas a tónica é agora posta nas formas diversificadas como esse fundo comum é expresso regional e contextualmente e nos diferentes desempenhos e objectivos que pode servir a nível social, político, identitário ou ontológico.

Não é objectivo deste texto, porém, desenvolver o debate hermenêutico em torno desta iconografia, nem aprofundar a argumentação sobre a natureza simbólica, significado e desempenho social dos “ídolos” falange. Pretende-se, antes, orientar o questionário para um aspecto aparentemente lateral relativamente a estas peças e que a colecção dos Perdígões permite questionar: a escolha das falanges de cervídeo e de equídeo e as suas implicações no estatuto simbólico, social e económico destas espécies e dos seus desenvolvimentos ao longo do 3º milénio a.n.e.

4. A cronologia e as espécies: questões colocadas pela colecção dos Perdígões.

A generalidade dos autores aponta como razão da escolha de primeiras falanges para a execução destes objectos simbólicos a sua morfologia natural, sugestiva de um certo antropomorfismo, o qual é depois reforçado por afeiçoamento / decoração. Daí a preferência por primeiras falanges de equídeo (em primeiro lugar) e de cervídeo (em segundo), nas quais o antropomorfismo será mais sugestivo. A razão apontada é a morfologia do osso, que é assim isolado do animal a que pertence e dos sentidos que este pode assumir do ponto de vista económico, social, simbólico, ontológico, etc.

De facto, a morfologia das falanges é diferente de animal para animal e essas diferenças são significativas mesmo entre as primeiras falanges de equídeo e de cervídeo, estando bem expressas numa inequívoca preferência pelas de equídeo no cômputo global dos “ídolos” falange peninsulares. Na colecção dos Perdígões, todavia, as falanges de equídeo e de cervídeo apresentam-se com números idênticos, contrariando a tendência geral. Tal facto não seria digno de grande atenção não fosse a dimensão da colecção deste sítio, que é bem superior à totalidade das restantes peças inventariadas para o resto do país (e 47% para cada espécie num universo de 72 é bem diferente de 50% num universo de 2 ou 4 exemplares), acrescida do facto de revelar um comportamento diacrónico particular (o qual também só nesta colecção pode ser percebido).

No que respeita à cronologia, todos os contextos de proveniência dos “ídolos” falange nos Perdígões são integráveis no 3º milénio a.n.e., estando a Fossa 16 e os Sepulcros 1 e 2 datados pelo radiocarbono. Quanto à Fossa 40, não existindo ainda qualquer datação para as deposições de cremações no seu interior, estão datados os depósitos de cremações que a extravasam (Ambiente1) e que estabelecem um *terminus ante quem* para a sua utilização (Figura 10).

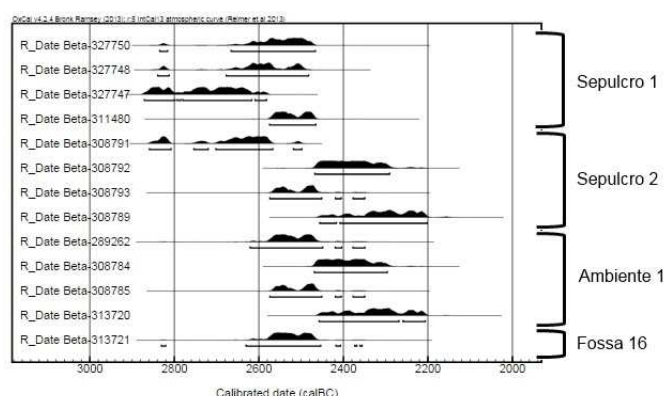


Figura 10 – Datações de radiocarbono para a Fossa 16, Ambiente 1, Sepulcro 1 e Sepulcro 2 dos Perdígões (segundo Valera, Silva, Márquez, 2014, acrescentado de uma data ainda inédita para o sepulcro 1).

Estas datas, correlacionadas com as sequências estratigráficas observadas, permitiram estabelecer uma sequência para a utilização destas estruturas (Valera *et al.* 2013). A construção e primeiras utilizações dos Sepulcros 1 e 2 enquadram-se dentro do segundo quartel do 3º milénio. A utilização do Sepulcro 1 estende-se até meados do milénio altura em que a câmara do Sepulcro 2 é parcialmente esvaziada e o seu átrio começa a ser utilizado, reutilizações que se prolongam pelo terceiro quartel do milénio, consubstanciando uma segunda fase de utilização bem individualizada. É também de meados / terceiro quartel que são efectuadas as deposições de restos de cremações na Fossa 16 e Ambiente 1 (e muito provavelmente também na Fossa 40). Ora se as falanges de equídeo estão presentes em todos estes contextos (mais o da Fossa 9 e Sepulcro 3, ainda não datados em termos absolutos), já as falanges de cervídeo apenas estão presentes nos Sepulcros 1 e 2, apresentando um comportamento diacrónico específico.

No Sepulcro 2, entre a primeira fase de utilização (segundo quartel do 3º milénio) e a segunda (meados / terceiro quartel do 3º milénio), observa-se uma inversão da proporção de falanges de cervídeo e de equídeo: na primeira fase as falanges de cervídeo são claramente predominantes, invertendo-se totalmente a situação na segunda fase de utilização (Figura 11).

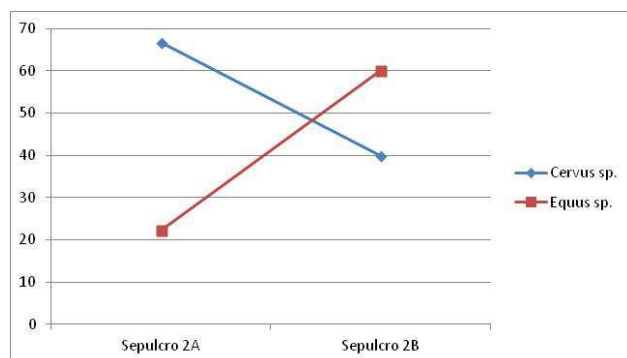


Figura 11 – Relação falagens de equídeo / falanges de cervídeo entre as duas fases de utilização detectadas no Sepulcro 2.

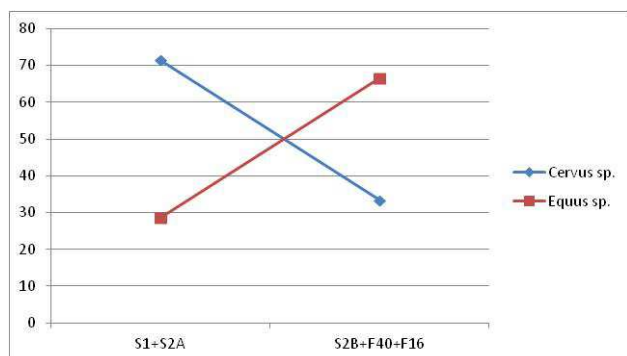


Figura 12 – Relação falagens de equídeo / falanges de cervídeo entre os contextos de proveniência mais antigos (Sepulcro 1 e primeira fase do Sepulcro 2) e os mais recentes (segunda fase do Sepulcro 2, Fossa 16 e Fossa 40).

A situação de predomínio claro das falanges de cervídeo também se observa no interior do Sepulcro 1, o qual genericamente é contemporâneo da primeira fase de utilização do Sepulcro 2. Por outro lado, as falanges de equídeo são exclusivas nas Fossas 16 e 40, as quais são genericamente contemporâneas da segunda fase de utilização do Sepulcro 2, onde também predominam. Por outras palavras, se juntarmos por um lado os contextos mais antigos do Sepulcro 1 e do Sepulcro 2 (abrangendo o segundo quartel do milénio) e, por outro, os contextos mais recentes do Sepulcro 2 e as Fossas 16 e 40, verificamos que a colecção dos Perdígões denota um primeiro momento em que existe uma clara preferência por falanges de cervídeo (71%) sobre as de equídeo (29%) e que num segundo momento (meados / terceiro quartel do milénio) esta situação se inverte, passando as falanges de equídeo a dominar (67%) sobre as de cervídeo (33%) (Figura 12).

Esta situação não pode ser confrontada com os dados do quadro geral, uma vez que para os restantes sítios não temos faseamentos e cronologias absolutas que nos permitam observar tendências como neste caso. Porém, dada a dimensão da amostra dos Perdígões e do faseamento que é possível estabelecer para os contextos de proveniência das falanges, esta inversão bem marcada terá significado cultural e dificilmente representará apenas uma situação casuística. Que traduzirá então?

Começemos por analisar a representatividade destas duas espécies nas colecções faunísticas estudadas para o centro e sul de Portugal. Dados estão actualmente disponíveis para 15 sítios (Tabela 5): Perdígões, Mercador, Moinho de Valadares, Monto do Tosco, Porto Torrão, Porto das Carretas, Monte da Tumba, S. Jorge, Outeiro Alto, Paraíso, S. Pedro e Casa Branca 7 (no Alentejo); Leceia, Zambujal e Penedo Lexim (na Estremadura).

Nos contextos não funerários já estudados dos Perdígões (que, portanto, excluem da contabilidade os “ídolos” falange), os quais cobrem toda a cronologia do sítio desde o Neolítico Final ao Calcolítico Final / transição para a Idade do Bronze, os equídeos são sempre vestigiais (com percentagens entre 0,3 e 0,7). Já os cervídeos estão sempre mais representados, ainda que com percentagens relativamente baixas (entre 1,5 e 4,4).

Esta raridade dos equídeos é comum a muitos dos contextos considerados, frequentemente com percentagens inferiores a 1%, valor ultrapassado ligeiramente no Mercador (1,4%) e Outeiro Alto na fase neolítica (1,7%), e com relevância em S. Jorge de Ficalho (2,7%), no Paraíso (4%), em S. Pedro (5%) e no Porto torrão (1,5% e 4,3%). Já no Outeiro Alto (fase calcolítica), a percentagem elevada de 34% resulta de se terem contabilizado separadamente os dentes que estavam integrados num único crânio, que funciona assim como um único resto. Recalculando a percentagem esta é de 4%, enquadrando-se com as anteriores. A estes valores foge claramente o Porto das Carretas, tanto na sua fase de Calcolítico inicial/pleno como na sua fase campaniforme, com valores em torno aos 11%. Trata-se, contudo, de uma amostra com um universo relativamente pequeno, pelo que

deve ser considerada com reservas, tanto mais que o contemporâneo Mercador, localizado a cerca de 1 quilómetro de distância e com uma colecção bem mais numerosa, apresenta valores que se enquadram dentro do quadro geral.

Relativamente ao cervídeo, a situação é genericamente semelhante à que se observa também nos Perdígões: valores sempre superiores aos dos equídeos em 2 a 4 pontos percentuais (ainda que com diferenças mais reduzidas nos sítios da Estremadura), sendo as excepções o Monte da Tumba (onde atingem 12%), o Porto das Carretas e o Porto Torrão (este na sua fase do Calcolítico final), com valores que variam entre os 14% e os 23% e S. Pedro, onde atinge os 36%. Apenas no sítio do Paraíso os equídeos apresentam uma percentagem ligeiramente superior à de cervídeo.

Sítio	Cavalo		Veado		Ref. Bibliográfica
	NRI	%	NRI	%	
Perdígões					
Neo Final - Sanja 1 e outros	3	0,7	19	4,4	Cabaço, 2010
Neo Final- Fosso 6	6	0,4	23	1,5	Costa, 2013
Calco - Fosso 3	16	0,6	54	2	
Calco - Fosso 4	4	0,3	42	3,3	
Calco - Fosso 1	6	0,7	21	2,3	
Moinho de Valadares					
Fase 1: Neo Final	1	0,3	7	2,4	Valente, 2013
Fase 2: Calco	—	—	5	1,9	
Mercador: Calco	52	1,4	104	3,5	Moreno Garcia, 2013
Monte do Tosco: Calco	—	—	4	1,6	Pajuello, 2013
Porto das Carretas					
Fase 1: Calco	3	10,7	4	14,3	Cardoso, 2013
Fase 2: Calco Final	5	11,6	8	18,6	
Porto Torrão					
Calco	?	1,5	?	2,2	Amaud, 1993
Calco Final	?	4,3	?	23	
Monte da Tumba - Calco	2	0,5	48	12,0	Antunes, 1987
São Pedro - Calco	35	5,0	248	36,0	Davis e Mataloto, 2012
Paraíso - Neo Final	—	4,0	—	3,0	Davis e Mataloto, 2012
S. Jorge - Neo Final	1	2,7	2	5,4	Cardoso, 1994
Casa Branca 7 - Calco	1	0,7	2	1,3	Costa, 2006
Outeiro Alto 2					
Neolítico Final	5	1,7	3	1,0	Valera et al., 2013
Calcolítico	16	34,0	—	—	
Zambujal					
Calco	?	0,1	?	3,4	Moreno Garcia e Valera, 2007
Calco Final	?	0,1	?	3,9	
Leceia					
Neo Final	—	—	7	1	Cardoso e Detry, 2001/02
Calco inicial	2	0,05	31	0,7	
Calco pleno	2	0,05	124	1,1	
Penedo Lexim - Calco	?	0,1	?	1,7	Moreno Garcia e Valera, 2007

Tabela 5 – Representatividade de restos de equídeos e cervídeos em contextos do Neolítico Final e Calcolítico do Alentejo e Estremadura.

Ou seja, os equídeos apenas apresentam números relevantes numa colecção de universo muito reduzido (Porto das Carretas), o que aconselha cautela na valorização dos dados, tanto mais que as colecções mais numerosas e abrangentes são genericamente concordantes, com percentagens frequentemente abaixo de 1%, mas que em alguns sítios alentejanos podem chegar aos 5%.

Por outro lado, estas percentagens baixas ou mesmo residuais na maioria dos sítios não parecem sofrer alterações muito significativas ao longo do tempo (quando há informação diacrónica disponível). Esta situação é particularmente evidente para o caso dos Perdígões, que apresenta globalmente uma das maiores colecções faunísticas já estudadas.

Esta raridade dos equídeos nos conjuntos de restos faunísticos tem sido interpretada como consequência da sua condição selvagem, considerando-se que a sua captura seria difícil (Cardoso, 2001/02). A escassez é assim apresentada como indicador do estado ainda selvagem, continuando a domesticação de equídeos a ser motivo de debate (Corina Von Lettow-Vorbeck, 2005; Bendrey, 2012). Tem sido presumida por alguns autores para o final do 3º milénio (Morales *et al.* 1998; Cardoso, 1995; Cardoso e Detry, 2001/02), mas tal não está ainda demonstrado, tanto mais que a raridade não se altera significativamente. Mesmo a recente identificação da presença de *Equus asinus* em Leceia, durante o Calcolítico, não permitiu determinar a sua real condição, autorizando apenas que se levante a hipótese de ser doméstico e ter chegado por via das interacções que, durante o período, se estabeleciam com o Norte de África, onde teria o seu ascendente selvagem (Cardoso *et al.* 2013).

Algumas questões, porém, podem ser colocadas relativamente a esta matéria. Uma primeira tem a ver com a alegada dificuldade de caça dos equídeos. Percebe-se mal que, operacionalmente, sejam particularmente difíceis de caçar no Calcolítico, a não ser que a dificuldade se deva à sua raridade. Efectivamente, a rarefacção dos equídeos durante o Holocénico tem sido um fenómeno apontado para territórios europeus extra peninsulares (Bendrey, 2012), mas a sua sobrevivência no Ocidente e sul peninsulares tem sido demonstrada e justificada por um papel de área de refúgio que estas regiões teriam desempenhado (Cardoso, 1993; 1995), constituindo-se por isso mesmo como um dos possíveis focos de domesticação (Brendley, 2012; Davis e Mataloto, 2012). Estando presentes, não parece que a captura de equídeos seja particularmente mais difícil que a de cervídeos (não explicando, portanto, as sistemáticas diferenças percentuais) ou mais perigosa que a de auroques, os quais aparecem com raridade semelhante nas colecções faunísticas. Num quadro de uma relação estritamente predatória, a escassez destes animais nos registos faunísticos poderá mais facilmente ser associada à preponderância económica da pastorícia ou a factores culturais específicos (como poderiam ser determinadas prescrições e interditos relacionados com os lugares que os equídeos ocupariam nos universos ideológicos humanos).

De facto, se equídeos e cervídeos são animais selvagens e caçados, a sua presença na arte do 3º milénio a.n.e. aparenta não ser exactamente a mesma. Os cervídeos estão bem representados na arte parietal e ocorrem nas cerâmicas, associados à “decoração simbólica” ou à decoração campaniforme. No próprio recinto dos Perdigões surgem representados num fragmento cerâmico (Figura 13) e no Sepulcro 2 foi registada uma estatueta de cervídeo em marfim (Valera, Evangelista *et al.*, 2014, Figura 4: 3).



Figura 13 – Fragmento cerâmico com representação de cervídeos proveniente do topo da Fossa 7 dos Perdigões.

Já no que respeita a representações de equídeos, a sua presença na arte pós-glaciar tem sido debatida, mas continua a confrontar-se com problemas de identificação e/ou de cronologia.

Em Portugal, representações de equídeos na arte do Vale do Tejo (Fratel) e em Ribeiro das Casas (Almeida) têm sido atribuídas ao Neolítico e assumidas como representações de animais selvagens (Gomes e Neto, 2008/10).

Contudo, várias representações conhecidas em Espanha (Figura 14) sugerem uma relação entre humanos e equídeos que ultrapassa a simples atitude predatória, mas cuja atribuição cronológica é ainda ambígua e debatida.

Assim, enquanto representação de equídeo claramente do 3º milénio, apenas se conhece a escultura de uma cabeça num vaso zoomórfico proveniente de Valencina de la Concepción (García Sanjuán, 2013; Valera, Evangelista, *et al.*, 2014). Ou seja, no imaginário subjacente às representações artísticas do 3º milénio, cervídeos e equídeos não parecem partilhar um mesmo estatuto, pelo menos no que respeita à sua representação.

Mas a colecção de “ídolos” falange dos Perdigões levanta ainda outras questões. Se atendermos aos inventários, o número de falanges de equídeo dos contextos aqui

abordados (34) é praticamente igual ao número total dos restantes restos de equídeos até hoje identificados na já numerosa colecção de faunas dos Perdigões (35) e, com excepção do Mercador, muito mais numerosos que os restos de equídeos identificados em todos os outros contextos considerados (ver Tabela 5). E se considerarmos apenas os contextos Calcolíticos (período a que esta utilização das falanges se parece restringir), então as falanges são mais numerosas que os outros restos de equídeos (apenas 26). Assim, quando se confrontam os restos de equídeos presentes nos Perdigões, parece que há demasiadas falanges relativamente a outros ossos destes animais. Já o mesmo não acontece com os cervídeos, onde o número de falanges (34) é bem inferior ao número total de restos (158).

Ora se a proporção de restos e falanges de cervídeo pode indicar que teriam origem nos animais caçados e trazidos (na totalidade ou em parte) para o sítio, já relativamente aos equídeos a questão coloca-se: onde estão os restos de equídeos correspondentes à elevada proporção de falanges nos Perdigões?

Pode ser, naturalmente, uma questão de amostragem, resultado de uma concentração de falanges nos contextos funerários e uma maior dispersão dos restantes restos por uma imensidão de estruturas que existem nos Perdigões.

Outra possível resposta poderá estar no facto de muitos dos “ídolos” falange presentes nestes contextos funerários poderem ser trazidos de fora (como muitos outros objectos o são nos Perdigões), gerando uma desproporção entre o número de falanges e os restos de equídeos presentes no sítio e resultantes de carcaças ou partes de carcaças que para ali foram trazidas (a predominância em quase todos os sítios de partes apendiculares dos esqueletos reforça a ideia de que as carcaças seriam previamente desmanchadas noutros locais e só determinadas partes seriam trazidas para os sítios – Moreno García, 2013).

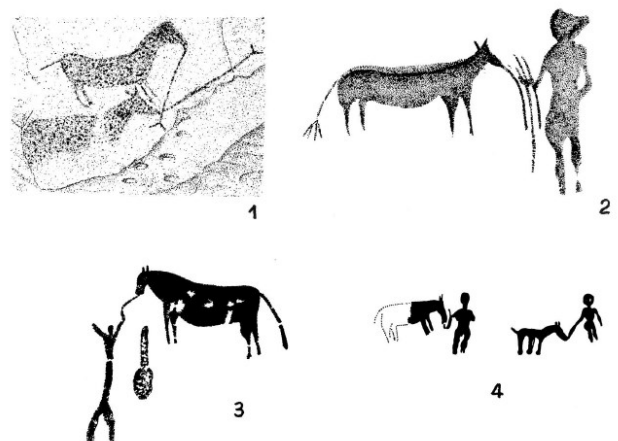


Figura 14 – Cenas que poderão documentar relações não predatória entre humanos e equídeos: 1. Tío Campano (Albarracín, Teruel); 2. Doña Clotilde (Albarracín, Teruel); 3. Villar del Humo (Boniches, Cuenca); 4. Canjorros de Peñarrubia (Jaén) (Segundo Lucas Pellicer y Rubio de Miguel, 1986).

Nenhuma destas respostas, porém, explica a inversão na preferência de falanges observada nos Perdígões e a questão mantém-se: que significa esta redução no uso de falanges de cervídeo (cujos restos continuam a ser mais representativos que os de equídeo) e o aumento do recurso a falanges de equídeo a partir de meados do 3º milénio, ou seja, num momento já de expressão do fenómeno campaniforme? Poderá esta situação estar relacionada com alterações no estatuto destes animais e mais concretamente no estatuto e condição dos equídeos? Estariam as relações humanas com o cavalo em processo de transformação?

É certo que não parecem existir alterações significativas da proporção de equídeos no quadro geral dos registos faunísticos portugueses durante o 3º milénio. Mas traduzirá, por exemplo, o “vaso cavalo” de Valencina a entrada num novo patamar relacional que ultrapasse a simples relação predatória?

A arqueozoologia tem evidenciado dificuldades em identificar inequivocamente a presença de equídeos domésticos no calcolítico peninsular (em grande medida porque não se “aprecian importantes diferencias en la variación de criterios osteométricos entre las muestras del Neolítico hasta la Edad del Bronce” (Liesau Von Lettow-Vorbeck, 2005: 191). Na maioria dos casos estudados tem-se optado por uma situação de selvagem ou simplesmente por uma incapacidade de distinção. Contudo, para os sítios da Extremadura espanhola de Cerro de la Horca e Fuente de Cantos é defendido que o cavalo se encontra em processo de domesticação (Castaños, 1992, citado em Liesau Von Lettow-Vorbeck, 2005: 191).

As implicações sociais, económicas e ideológicas de uma eventual domesticação de equídeos nesta época foram recentemente sublinhadas (Garcia Sanjuán, 2013), salientando-se sobretudo a relevância e o impacto que o seu eventual uso como animal de transporte e montada teria no âmbito da expansão das transacções regionais e transregionais, um dos fenómenos mais marcantes do 3º milénio a.n.e. e que é particularmente evidente em todos os grande recintos do sul peninsular. A importância que esta interacção a longas distâncias assume, nomeadamente de materiais raros, exóticos e prestigiantes, é mesmo considerada como um indicador indirecto de uma “revolución socioeconómica que el caballo de monta habría producido” (*idem*: 40). De facto, vários autores colocam a possibilidade de a Península Ibérica ter sido um dos focos de domesticação (Powell, 1971; Morales *et al.*, 1998; Uerpman, 1990; Bendrey, 2012) e a aceitação da presença de cavalo doméstico durante a Idade do Bronze (Lucas Pellicer y Rubio de Miguel, 1986; Liesau Von Lettow-Vorbeck, 2005; Bendrey, 2012) poderá indiciar que o arranque do processo terá ocorrido ainda dentro do 3º milénio. Por outro lado, são conhecidas as teses que associam a domesticação do cavalo à rápida e extensa expansão do fenómeno campaniforme na Europa durante a segunda metade do milénio (Shennan, 1977; Gimbutas, 1977; Uerpman, 1995; Vander Linden, 2004; Heyed, 2007; Bendrey, 2012).

Num contexto de progressivo protagonismo do cavalo, ganha relevo a cabeça de um equídeo ritualmente depositada no fundo de uma fossa e envolvida por um aglomerado pétreo no Outeiro Alto 2 (Figura 15). Trata-se de uma fossa de cronologia calcolítica, que integrava igualmente alguns fragmentos cerâmicos e um punção metálico, e que se encontrava associada ao pequeno recinto cerimonial identificado neste sítio, definido por um fosso que apresentava uma entrada orientada ao solstício de Inverno e que foi datado do terceiro quartel do 3º milénio AC (Valera, Silva, Márquez, 2014). A forte carga simbólica do local era ainda reforçada pela presença, prévia, de uma necrópole de hipogeus do Neolítico Final e por outra posterior, de fossas e hipogeus datados da Idade do Bronze.

No mesmo sentido vai a deposição de uma pata de equídeo em conexão anatómica no topo de uma fossa no recinto de fossos do Porto Torrão, num contexto já de cronologia campaniforme (Valera e Filipe, 2004) (Figura 16).



Figura 15 – Deposição de crânio de equídeo na Fossa 129 do Outeiro Alto 2 (Segundo Valera *et al*, 2013).



Figura 16 – Deposição de pata de equídeo no topo de uma fossa no recinto do Porto Torrão.

Por outro lado, a intencionalidade de escolha de falanges de uma determinada espécie para serem utilizadas como elementos simbólicos ganha outra expressão quando integramos na análise a situação recentemente documentada em hipogeus do Neolítico Final no Alentejo: a utilização exclusiva de falanges de ovinos / caprinos no ritual funerário.

O primeiro caso identificado foi no sepulcro 5 da necrópole da Sobreira de Cima, onde um conjunto de 57 primeiras, segundas e terceiras falanges de ovinos / caprinos jovens se encontrava associado a uma concentração de falanges humanas no interior de um ossário (Valera e Costa, 2013). Ainda no mesmo sítio, no sepulcro 1, foram registadas outras 7 falanges igualmente de ovinos / caprinos. A mesma particularidade ritual com o uso restrito de falanges destas espécies foi documentada posteriormente na necrópole de hipogeus da mesma cronologia do Outeiro Alto 2 (Valera e Filipe, 2012). Ou seja, pelo menos no interior alentejano, as falanges de cervídeo e equídeo não parecem ter sido utilizadas como elemento simbólico, dando-se preferência às de ovinos/caprinos.

Pelo contrário, no 3º milénio a.n.e. o uso ritual de falanges de ovinos / caprinos parece tornar-se residual, emergindo então a preferência por falanges de cervídeos e equídeos, sendo que estas últimas, como os Perdígões e o quadro geral parecem indicar, se vão tornando predominantes.

Esta evolução cronológica, a confirmar-se em novos contextos seguros e escavados e registados com metodologias recentes e adequadas, revela que a escolha não se restringe às especificidades morfológicas dos ossos, mas que também é relativa ao estatuto das espécies de animais, podendo ser indicadores de alterações nos quadros ideológicos, sociais e económicos que regulam as relações homem-animal no período.

5. Nota final

A trajectória temporal do uso simbólico de falanges de animais parece indicar que a escolha não resulta apenas dos aspectos morfológicos dos ossos de cada espécie, mas está igualmente relacionada com o animal e o seu estatuto social.

A situação registada com os “ídolos” falange nos Perdígões poderá, assim, corresponder a mais um indicador indirecto de alterações relativamente ao papel social desempenhado por equídeos já em meados / segunda metade do 3º milénio, tanto no plano sócio-económico como no eminentemente ideológico, ainda que essas alterações continuem a ser mais sugeridas do que propriamente demonstradas.

A possibilidade da sua domesticação nesta fase, não estando inequivocamente atestada, é aceite como plausível por vários investigadores, enquadrando-se bem com as dinâmicas sociais que caracterizam a trajectória histórica do período. Porém, é também indesmentível que o registo arqueológico não apresenta traços bem marcados desse processo, perpetuando uma certa ambiguidade. Mas os indícios vão aumentando.

Referências Bibliográficas

- ALMAGRO GORBEA, M^a J. (1973), *Los Idolos del Bronce I Hispano*. Bibliotheca Praehistorica Hispana. Volume XII. Madrid.
- ANTUNES, M.T. (1987), “O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. IV – Mamíferos (nota preliminar)”, *Setúbal Arqueológica*, 8, p.103-144.
- ARNAUD, J.M. (1993), “O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas”. *Vípasca*, nº2. Aljustrel, CMA, p.51-61.
- BAILEY, D.W. (1994), “Reading Prehistoric Figurines as Individuals”, *World Archaeology*, 25(3), p.321–31.
- BENDREY, R. (2012), “From wild horses to domestic horses: a European perspective”, *World Archaeology*, 44(1), p.135-157.
- CABAÇO, N. (2010), “Restos faunísticos em contextos do Neolítico Final do Sector Q do recinto dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5, NIA-ERA Arqueologia, p.43-48.
- CARDOSO, J.L. (1993), *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico superior de Portugal*, Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1994), “Os restos de grandes mamíferos do povoado neolítico da igreja de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho)”, *Vípasca*, Aljustrel, 3, p.51-55.
- CARDOSO, J.L. (1995), “Os ídolos falange do povoado Pré-Histórico de Leceia (Oeiras). Estudo comparado”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, Oeiras, CMO, p.213-232.
- CARDOSO, J.L. (2013), “A fauna do povoado calcolítico do Porto das Carretas”. (J. Soares Ed.) *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*, Memórias d’Odiana, 2ª Série, 5, p.502-505.
- CARDOSO, J.L., DETRY, C. (2001-02), “Estudo zooarqueológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 10, p.131-182.
- CARDOSO, J.L., VILSTRUP, J.T., EISENMANN, V., OLANDO, L. (2013), “First evidence of *Equus asinus* L. in the Chalcolithic disputes the Phoenician as the first to introduce donkeys into the Iberian Peninsula”, *Journal of Archaeological Science*, 40, p.4483-4490.
- COSTA, C. (2006), “Análise preliminar da fauna”, in: A. F. C. Rodrigues. *Casa Branca 7: Um povoado na transição do 4º para o 3º milénio A. C. na margem esquerda do Guadiana (Serpa)*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (dissertação de mestrado).
- COSTA, C. (2013), *Tafonomia em contexto pré-histórico. A zooarqueologia como recurso para a compreensão das “estruturas em negativo” da Pré-História Recente*, Dissertação para a obtenção do grau de Doutor apresentada à Universidade do Algarve, Policopiado.
- DAVIS, S., MATALOTO, R. (2012), “Animal remains from chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Neolithic”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15, p.47-85.
- GARCIA MORENO, M. (2013), “Estudo arqueozoológico dos restos faunísticos do povoado calcolítico do Mercador (Mourão)”, (A.C. Valera Ed.) *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*, Memórias d’Odiana, 2ª Série, EDIA/DRCALLEN, p.321-349.
- GARCIA MORENO, M., VALERA, A.C. (2008), “Os restos faunísticos de vertebrados do sítio do Mercador (Mourão)”, *Vípasca*, nº2, 2ª Série, Actas do III Encontro de Arqueologia do SW, p.133-146.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (2013), “El asentamiento de la Edad del Cobre de Valencina de la Concepción: estado actual de la investigación, debates y perspectivas”, (García Sanjuán, L., Vargas Jiménez, J.M., Hurtado, V., Ruiz Moreno, T., Cruz-Auñón Briones, R., Eds.) *El asentamiento prehistórico de Valencina de la*

- Concepción (Sevilla): investigación y tutela en el 150 aniversario del Descubrimiento de la Pastora, Universidad Sevilla, Sevilla, p.21-59.
- GIMBUTAS, M. (1977), "The first wave of Eurasian pastoralist into Copper Age Europe", *The Journal of Indo-European Studies*, vol. 5 (4), Washington, p.277-338.
- GOMES, M.V., NETO, N. (2008/10), "As pinturas rupestres do Ribeiro das Casas (Malhada Sorda, Almeida)", *Cuadernos de Arte Rupestre*, p.29-42.
- GONÇALVES, V.S. (1989), *Megalitismo e metalurgia no alto Algarve oriental*, Estudos e Memórias, 2, INIC.
- GONÇALVES, V.S. (2005), "Manifestações do sagrado na Pré-História do ocidente Peninsular. 6. Duas figurações da Deusa na estrutura funerária calcolítica do Monte Novo dos Albardeiros", *O Arqueólogo Português*, Série IV, 23, p.197-229.
- HEYED, V. (2007), "Families, prestige goods, warriors and complex societies: Beaker groups and the 3rd millennium cal BC.", *Proceedings of the Prehistoric Society*, 73, p.327-80.
- HURTADO, V. (1986), "El Calcolítico en la Cuenca Media del Guadiana y la necrópolis de La Pijotilla", *Revista de Arqueología*, GEAP, 14, p.83-103.
- HURTADO, V. (2010), "Representaciones simbólicas, sitios, contextos e identidades territoriales en el Suroeste Peninsular.", *Ojos que nunca se cierran: Ídolos en las primeras sociedades campesinas*, 16 de Diciembre de 2009, Madrid: Museo Arqueológico Nacional, p.137-98.
- HURTADO, V. (2013), "Los ídolos del asentamiento de Valencia de la Concepción: una revisión", (García Sanjuán, L., Vargas Jiménez, J.M., Hurtado, V., Ruiz Moreno, T., Cruz-Auñón Briones, R., eds.) *El asentamiento prehistórico de Valencia de la Concepción (Sevilla): investigación y tutela en el 150 aniversario del Descubrimiento de la Pastora*. Universidad Sevilla. Sevilla: 311-327.
- LEISNER, V. (1965), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Walter de Gruyter & Co, Berlin.
- LEISNER, G., LEISNER, V. (1943), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Süden*, Berlin.
- LIESAU VON LETTOW-VORBECK, C. (2005), "Arqueozoología del caballo en la antigua iberia.", *Gladus*, 25, p.187-206.
- LUCAS PELLICER, M.R., RUBIO de MIGUEL, I. (1986), "Introducción del caballo como animal de montura en la Meseta: problemática", *Zephyrus*, 39, p.437-444.
- MILESI, L., CARO, J. L., FERNANDEZ, J. (2013), "Hallazgos singulares en el contexto de la Puerta 1 del complejo arqueológico de Perdigões, Portugal". Apontamentos de Arqueologia e Património, 9, Lisboa, NIA-ERA, p.55-59.
- MORALES, A., ALBERTINI, D., BLASCO SANCHO, F., CARDOSO, J., CASTAÑOS UGARTE, P., LIESAU VON LETTOW-VORBECK, C., MONTERO PONSETI, S., NADAL LORENZO, J., NICOLAS PEREZ, E., PEREZ RIPPOLL, M., PINO URIA, B., RIQUELME CANTAL, J.A. (1998), "A preliminary catalogue of Holocene equids from the Iberian Peninsula", *International Union of Prehistoric and Protohistoric Sciences, Workshops*, 6. Tome1, p.65-82.
- MURILLO REDONDO, J. F. (1988), "Ídolos calcolíticos procedentes del sepulcro megalítico de de El Atalayón", Villanueva de Córdoba, p.81-93.
- PAJUELLO, A. (2013, "Monte do Tosco I. Faunas recolhidas na campanha de 2000: análise preliminar", (A.C. Valera ed.) *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*. Memórias d'Odiara, 2ª Série, EDIA/DRCALEN, p.361-364.
- POWELL, T.G.E. (1971), "The introduction of horse riding to temperate Europe", *Proc. Prehistoric Society*, Dec. Cambridge, p.1-14.
- RUIZ GONZALEZ, B., LEIVA ROJANO, J.A. (1980-81), "El ídolo oculado de la Cueva de Belda (Cuevas de San Marcos, Malaga)", *Mainck*, 2-3, p.76-86.
- ROBB, J. (2009), "The body as material culture.", *Current Anthropology*, 50(1), p.169-170.
- SHENNAN, S. (1977), "The appearance of Bell Beaker assemblage in Central Europe", (R. Mercer Ed) *Beakers in Britain and Europe Four Studies*, Symposium Edinburgh, p.51-70.
- UCKO, P.J. (1996), "Mother, Are You There?" Can We Interpret Figurines?", *Cambridge Archaeological Journal*, 6(2), p.300-307.
- UERPMMANN, H.-P. 1990, "Die domestication des pferdes im Chalkolithikum west- und mitteleuropas", *Madriider Mitteilungen*, 31, p.109-53.
- UERPMMANN, H.-P. 1995, "Domestication of the horse – when, where, and why?" (L. Bodson ed.) *Le cheval et les autres équidés: aspects de l'histoire de leur insertion dans les activités humaines*, Colloques d'histoire des connaissances zoologiques 6, Université de Liège, p.15-29.
- VALENTE, M.J. (2013), "Moinho de Valadares, Mourão. Estudo da fauna mamalógica das sondagens 1, 2 e 3 (Campanha de 1999) ", (A.C. Valera ed.) *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*, Memórias d'Odiara, 2ª Série, EDIA/DRCALEN, p.353-360.
- VALERA, A.C. (2010), "Marfim no recinto calcolítico dos Perdigões (1): "Lúnukas, fragmentação e ontologia dos artefactos", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, p.31-42.
- VALERA, A.C. (2012), "Ídolos almerienses" provenientes de contextos Neolíticos do complexo de recintos dos Perdigões", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 8, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, p.19-28.
- VALERA, A.C., EVANGELISTA, L.S. (2014), "Anthropomorphic figurines at Perdigões enclosure: naturalism, body proportion and canonical posture as forms of ideological language", *Journal of European Archaeology*, 17-2, p.286-300.
- VALERA, A.C., EVANGELISTA, L.S., CASTANHEIRA, P. (2014), "Zoomorphic figurines and the problem of human-animal relationship in the Neolithic and Chalcolithic Southwest Iberia", *Menga*, 5, p.15-33.
- VALERA, A.C., FILIPE, I. (2004), "O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular", *Era Arqueologia*, 6, Lisboa, ERA Arqueologia/Colibri, 28-61.
- VALERA, A. C., FILIPE, V. (2012), "A necrópole de hipogeus do Neolítico Final do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa)", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 8, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, p.29-42.
- VALERA, A.C., FILIPE, V., CABAÇO, N. (2013), "O recinto de fosso do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa)", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, Lisboa, NIA-ERA, p.21-35.
- VALERA, A.C., LGO, M., DUARTE, C., DIAS, Mª I., PRUDÊNCIO, Mª I. (2007), "Investigação no complexo arqueológico dos Perdigões: ponto da situação de dados e problemas", *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Braga, Universidade do Algarve, p.53-66.
- VALERA, A.C., SILVA, A.M., CUNHA, C., EVANGELISTA, L.S. (2014), "Funerary practices and body manipulations at Neolithic and Chalcolithic Perdigões ditched enclosures (South Portugal)". (A.C.Valera Ed.) *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices*, Oxford: BAR International Series 2676, p.37-57.
- VALERA, A.C., SILVA, A.M., MÁRQUEZ ROMERO, J.E. (2014), "The temporality of Perdigões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices", *SPAL*, 23, p.11-26.
- VALERA, A.C., SCHUHMACHER, Th. X., BANERJEE, A. (2015), "Ivory in the Chalcolithic enclosure of Perdigões (South Portugal): the social role of an exotic raw material", *World Archaeology*, p.1-24, DOI: 10.1080/00438243.2015.1014571
- VANDER LINDEN, M. (2004), "Polythetic networks, coherent people. A new historical hypothesis for the Bell Beaker phenomenon", (J. Czebreszuk Ed.) *Similar but different. Bell Beakers in Europ*, p. 33-60.